

Documentar coleções e reconstituir histórias:

contextos e perspectivas
de investigação do projeto

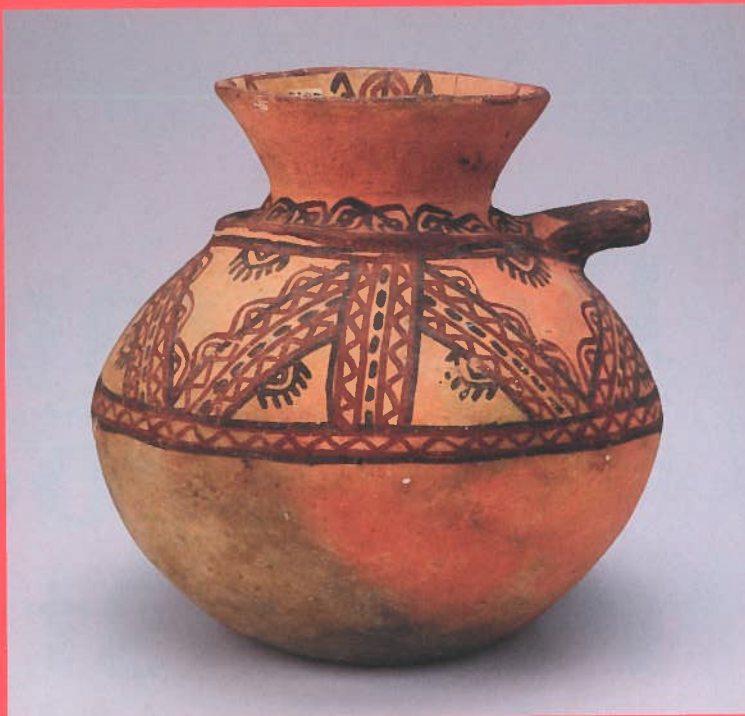


MATERIALIDADES
TRANSNACIONAIS

Elisabete Santos Pereira
António Carvalho
Ana Paula Cardoso

Introdução

A historiografia tem concedido uma crescente atenção à história das coleções museológicas. Se há algumas décadas atrás essas histórias tinham como objetivo rastrear, a nível nacional ou internacional, o prestígio patrimonial dos objetos (PASSINI & RABAUULT-FEUERHAHN: 2015, p. 7), nos últimos anos, diretores de museus, colecionadores e comerciantes têm sentido necessidade de documentar todo o seu percurso. Nesse âmbito a academia e os museus reinvestiram no estudo de coleções, investigando a proveniência e reconstituindo a biografia dos seus objetos. Esse conhecimento proporciona uma compreensão mais abrangente da história, da história da ciência, da museologia e também do percurso das próprias instituições museológicas que emergem e se transformam através de numerosos relacionamentos mediados pelo mundo material. As pessoas manipularam e colecionaram objetos e estes colecionaram igualmente as pessoas. Ou seja: a história dos objetos está entrelaçada com a história dos múltiplos atores com quem se cruzaram, num itinerário que reflete contextos sociais, políticos, culturais e científicos (HILL: 2012, GOSDEN & LARSON, 2007; ALBERTI: 2005).

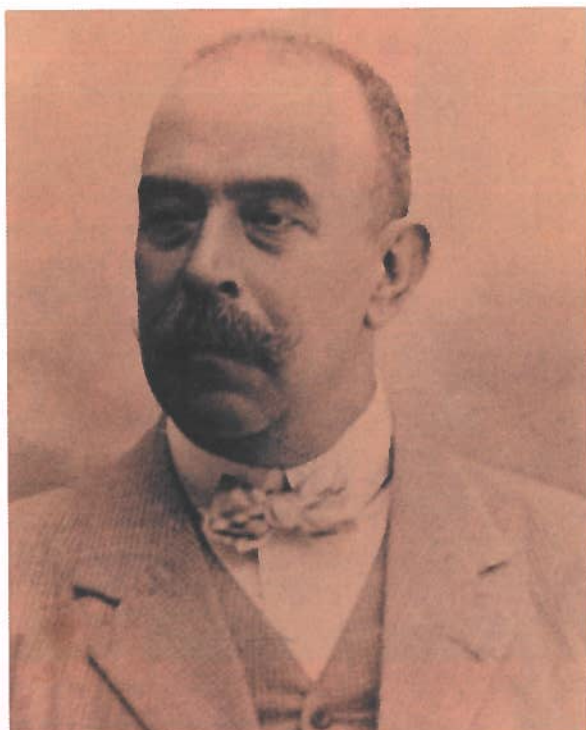


Bule, séc. XIX, Timor, MMSR



Pintor do Grifo-Abutre,
Ática de figuras negras,
"tipo Siana", c. 560-550
a.C., Grécia, MNA





Este tipo de conhecimentos assume, portanto, múltiplas dimensões: científicas, éticas e pedagógicas. Se por um lado os objetos podem assumir uma importância excepcional devido à identidade da pessoa que os descobriu, que os produziu ou que os possuiu ao longo de sua existência (GÁLDY *et al.*, 2021: p. 18), por outro podem introduzir na historiografia personalidades desconhecidas mas relevantes para a formação, enriquecimento ou dissipação de coleções, acrescentando elementos significativos à narrativa dos processos de construção e disseminação do conhecimento científico (PEREIRA *et al.*: 2020; Pereira: 2018). A necessidade de documentar detalhadamente as coleções museológicas advém ainda da premência de identificação de objetos deslocados em momentos de guerras e conflitos, ou em contextos de poder assimétricos durante a época colonial (HICKS: 2020; PROCTER: 2020).

Associados a emergentes desafios sociais, os resultados destas tendências historiográficas – impulsionando a identificação das interações entre os diversos atores, as suas práticas de investigação e ensino, bem como a identificação e análise de contextos históricos mais amplos – beneficiam não apenas as narrativas históricas, a preservação e investigação de objetos, mas também o enriquecimento de exposições e de programas educativos (LOURENÇO & GESSNER: 2012, p. 728).

No âmbito desse quadro de investigação, as coleções e os museus deixaram de ser exclusivamente associados a processos enraizados no nacionalismo para serem entendidos também como processos de história cruzada e transnacional (SAVOY *et al.*: 2018, ENZEL e SCHMIDT: 2015, THURNER: 2015, MEYER e SAVOY: 2014). Efetivamente, na reconstituição da história dos museus e das suas coleções, é possível identificar uma estratigrafia complexa: gerações de atores, conjuntos de objetos com um emaranhado de relações – associados a vários atores e a outros objetos –, diferentes formas de interpretação e comunicação, e os diferentes edifícios que os albergaram, dando resposta a necessidades de armazenamento e disseminação.

Como é amplamente conhecido, nenhum destes elementos está isolado nas fronteiras de um país. Os modelos dos edifícios, a sua organização interna, as formas de apresentação e comunicação assim como o mobiliário expositivo seguem modelos aplicados noutras instituições museológicas. Os seus atores, integrados em redes, frequentemente



internacionais, são influenciados por essa sua teia de conhecimento, apreendido em publicações, congressos científicos e através da sua constelação de contactos. Os objetos, originários de diferentes regiões ou países, viajaram até essas instituições de forma a representarem ideias sobre o homem no tempo e espaço – um espaço local, nacional ou mundial.

Este carácter transnacional recua a finais do século XVIII e durante o século XIX, o período em que o museu como lugar de afirmação nacionalista marcou posição no território europeu e fora dele. Ostensivamente públicas, abertas a todos, estas novas instituições museológicas são fruto das evoluções políticas e sociais do século XIX europeu, dentro das quais os Estados educam o indivíduo, em nome dos povos, para o tornar cidadão. Neste intervalo temporal as obras de arte e os objetos que antes integravam coleções e museus particulares passam a pertencer à nação e a representar a sua identidade. Neles se associam e refletem certos discursos da etnologia e da antropologia nascentes, no que se refere às arqueologias nacionais, à questão das origens e do colonialismo (LOUBOTIN e LEHOËRFF: 2017).

Mas apesar de se assumirem como museus nacionais e nacionalistas (ARONSSON & ELGENIUS: 2011), as instituições museológicas são, como referido, fecundas em cruzamentos transnacionais. Nos museus de arqueologia esse carácter transnacional é, entre vários aspetos, visível através das suas coleções comparativas. A arqueologia comparada está omnipresente em todas as investigações arqueológicas e esteve de facto em voga no século XIX quando foram descobertas as primeiras indústrias pré-históricas. Tal como refere Carl-Axel Moberg, na sua *Introdução à Arqueologia*, publicada em 1968, «a constituição da arqueologia pré-histórica no século XIX não teria sido possível sem conhecimento dos 'homens primitivos'», vivos. Fundamentavam-se assim os conhecimentos sobre a pré-história associando, como refere o mesmo autor, uma etnologia antropológica com uma arqueologia antropológica (MOBERG: 1968, p. 156). Recorrentes nos museus europeus criados no século XIX e inícios do século XX, também em Portugal várias instituições museológicas fundamentaram as suas coleções pré-históricas por comparação a coleções etnográficas provenientes dos vários continentes. Estas coleções etnográficas dos museus de arqueologia eram assim colocadas ao serviço da nação e do seu discurso

Bastão/Bengala, Maconde, Moçambique, séc. XX, MNA (página anterior) | Báculos de xisto, neolítico final/calcolítico, Alentejo, MNA (em fundo negro) | Crosse de de báculo, séc. XIV, MNMC | Bastão, séc. XX, Angola, MNA | Crosse de báculo, séc. XII-XIV, França, MNAA | Bastão, séc. XX, Angola, MNA | Bastão de cerimónia, séc. XX, Moçambique, MNA | Bastão de cerimónia, séc. XX, Angola, MNA | Bastão, séc. XX, Angola, MNA





nacionalista. Enquanto projetos de afirmação de uma identidade coletiva enraizada num passado comum, estes museus procuravam responder à questão “quem somos nós” e, através das coleções comparativas, à questão “quem são os outros” (ESTOILE, 2010, p. 13).

TRANSMAT: conhecer as coleções comparativas do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Municipal Santos Rocha

O projeto de investigação “TRANSMAT: Materialidades transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2021-2024), tem precisamente como objetivo o conhecimento aprofundado desta tipologia de coleções. A investigação a desenvolver irá centrar-se nas coleções comparativas do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Municipal Santos Rocha.

Como é do conhecimento geral, foi pela ação de José Leite de Vasconcelos (1858-1941), médico formado pela Universidade do Porto, que surgiu em 1893 o Museu Etnográfico Português (atual Museu Nacional de Arqueologia), que teve no contributo conceptual e no patronato político de Bernardino Machado um fundamental impulso. Para além das coleções nacionais de arqueologia e etnologia, destinadas a promover o conhecimento da história e iden-

tidade nacionais, o museu acolheu também objetos de outros países com vista a permitir a comparação com outras ‘culturas’ nacionais, bem como objetos “dos selvagens, que ajudam a compreender o modo de vida e a arte dos povos primitivos” (VASCONCELOS: 1915, p. 261). A sua secção comparativa apresentava, assim, objetos de vários países europeus (Grécia e Itália antigas, Áustria, Alemanha, Suíça, Bélgica, França, Reino Unido e Espanha), bem como objetos que pertenceram aos “povos primitivos” da África, Oceânia, América e Ásia.

Inaugurado um ano depois, em 1894, o Museu Municipal da Figueira da Foz alinhava também com as tendências museológicas contemporâneas, nomeadamente no que se refere à criação de uma sala de comparação. Criado por iniciativa de António dos Santos Rocha (1853-1910) (FERREIRA e VILAÇA: 2021; FREITAS, 2019), advogado e arqueólogo, este museu possuía um acervo arqueológico e etnográfico com objetos derivados da obra do fundador e da sua rede de colaboradores. Apoiado pela atividade da *Sociedade Arqueológica da Figueira*, criada em 1898 com o objetivo de “auxiliar o desenvolvimento do Museu” (ROCHA: 1905, p. 7), a instituição enriqueceu a sua secção comparativa com objetos de várias partes do mundo: África, Brasil e Oriente. Nesta secção apresentavam-se evidências das artes e indústrias dos “povos selvagens

dos tempos modernos [...]” que, como referia Santos Rocha no seu ‘Catálogo Geral’, “possam interessar ao estudo ethnographico dos selvagens dos tempos prehistoricos na Europa” (ROCHA: 1905, p. 10).

António dos Santos Rocha, que assumiu entre outros cargos públicos a presidência da autarquia da Figueira da Foz (1878-1880, 1902-1904), faleceu em 1910 não tendo a possibilidade de viver tanto como José Leite de Vasconcelos ou Bernardino Machado, ficando perpetuada e homenageada a sua obra científica através da atribuição do seu nome ao museu e sociedade arqueológica que fundou. Situado na costa atlântica portuguesa, tal como o Museu Etnográfico Português, a instituição criada por Santos Rocha enriqueceu as suas coleções através de inúmeros contactos nacionais e internacionais. As investigações de Santos Rocha e a publicação do *Boletim da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz* tornaram-na uma instituição consagrada. O museu efetuava permutas das suas publicações com diversas instituições europeias e norte-americanas, Santos Rocha contactava com eminentes cientistas, nomeadamente com Émile Cartailhac (1845-1921) e com instituições museológicas como Musée d’Antiquités Nationales (atual Musée d’Archéologie Nationale), em Saint-Germain-en-Laye, ou Bergen Museum (atual Museu Universitário de Bergen), na Noruega.

Estatueta de Ptah-Sokar-Osiris, séc. II a.C., Egito, Coleção D. Luis Bramão, MNA | Placa de xisto antropomórfica (fragmento), Calcolítico, MNA | Tanga marajoara, s.d., Brasil, MMSR



Foi membro do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica e efetuou visitas de estudo no estrangeiro, nomeadamente a Itália e a França.

Esta componente transnacional é, naturalmente, muito mais notória no Museu Nacional de Arqueologia. José Leite de Vasconcelos dirigiu o Museu Etnológico durante quase quatro décadas. Trinta e seis anos para sermos precisos. Durante este período, além de ter constituído o Museu e reunido abundante acervo por todo o país, fundou em parceria com a Imprensa Nacional a revista *O Archeologo Português* em 1895. Participou em conferências internacionais, visitou museus europeus e trocou a sua produção científica com várias instituições portuguesas e estrangeiras. A sua extensa lista de correspondentes evidencia a construção e consolidação de várias áreas de conhecimento – arqueologia, etnografia, linguística e história – através do contacto com inúmeras personalidades da cultura e ciência, nacionais e estrangeiras. As 24170 cartas arquivadas no Museu Nacional de Arqueologia, emitidas por 3690 autores entre 1880 e 1941 (COITO: 1999), evidenciam claramente o empenho do fundador daquela instituição museológica na implementação de uma política de crescimento das coleções que assentava, como acontecia com os “museus nacionais” estrangeiros, na obtenção/aquisição de objetos, mas também na possibilidade de confrontar ideias e trocar publicações, objetos e moldes.

Os dois museus e os seus fundadores têm sido contemplados em importantes publicações que salientam o seu pioneirismo científico. As suas coleções têm igualmente sido registadas e documentadas em catálogos e em estudos especializados, parte deles integrados nas obras mencionadas. No que se refere às suas coleções comparativas, com grande potencial de estudo, não existe um estudo crítico que contemple a totalidade dos objetos que as integraram. No caso da Figueira da Foz os objetos incorporados na coleção comparativa, atualmente incluídos na exposição permanente de etnografia, têm atraído a comunidade internacional que incluiu alguns dos seus objetos em vários catálogos temáticos. A coleção comparativa do Museu Nacional de Arqueologia tem permanecido nas suas reservas, desde meados do século XX, definitivamente a partir de 1980, mas uma parte dos seus objetos tem sido igualmente integrada em vários estudos e catálogos que acompanham exposições próprias ou cedências destes bens culturais a instituições terceiras.

Conclusão

O projeto TRANSMAT pretende inquirir comparativamente estas duas coleções. Identificadas as regiões, culturas e povos representados nestes dois museus portugueses, a equipa interdisciplinar deste projeto de investigação procurará também contextualizar o significado da circulação dos bens culturais provenientes de vários países e continentes, em particular na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Pretende igualmente identificar-se os processos de deslocação dos bens culturais que compõem essas coleções comparativas, tendo em consideração a história colonial e a fragmentação de recolhas ou achados de escavações (no Egito, por exemplo); documentar redes de atores, cronologias e as formas de deslocação – expedições, escavações, comércio e outros tipos de transferência; bem como compreender o papel desempenhado por essas coleções ao longo do tempo, desde a sua incorporação nos dois museus até ao presente. O projeto TRANSMAT compreende igualmente uma outra vertente de investigação que procurará compreender como as redes intelectuais e comerciais formadas a partir de meados do século XIX (algumas até ao século XX) contribuíram para o desenvolvimento da arqueologia, da antropologia e da perceção do ‘outro’ em contextos europeus.

A investigação a desenvolver nos próximos três anos, cruzando os olhares de historiadores da ciência e da arte, arqueólogos, museólogos, filósofos e antropólogos, recorrerá a uma metodologia de análise cruzada de múltiplas fontes históricas com o objetivo de reconstituir a biografia dos objetos e o itinerário das coleções comparativas em análise. Num panorama museológico multifacetado e complexo pretendemos assim identificar as evidências e as características das inter-relações transnacionais entre pessoas, objetos, coleções e museus.

Num momento em que se confrontam internacionalmente as perspetivas de ‘descolonização dos museus’ versus museus com coleções de caráter universalista (‘universal museum’), é necessário documentar o património transnacional dos museus para entender, em primeiro lugar, a história das instituições, e também em que medida os seus objectos estão ou não associados a equilíbrios assimétricos de poderes, seja de natureza económica, política ou epistémica.

1. GÁLDY et al.: 2021; PEREIRA, 2021, 2019, 2018; PEREIRA et al.: 2021, 2020; PEREIRA & NUNES: 2020; THURNER & PIMENTEL: 2021; LOURENÇO & GESSNER: 2012; ALBERTI: 2005.
2. Ver por exemplo o caso do museu Saint-Germain-en-Laye, em França: Christine Lorre (2017).
3. Criado em 1893 como Museu Etnográfico Português, o atual Museu Nacional de Arqueologia assumiu a designação de Museu Etnológico Português entre 1897 e 1929.
4. Com a Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology (1899), a Società di Storia, Patria per la Sicilia Orientale (1907), o Bergan Museum Bibliothek (1908). Ver Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: Centenário: 1999, pp. 265-278.
5. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques: 1902, p. XXVI.
6. Em Maio de 1899 Santos Rocha visitou Itália e em Junho visitou França. Correspondência de António Mesquita de Figueiredo, Cartas para José Leite de Vasconcelos, 31 de Mar. 1899).
7. A este impressionante número de correspondentes e de missivas, devem somar-se, designadamente, as depositadas no seu legado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou, por exemplo, no Arquivo da Fundação Manuel Viegas Guerreiro (Querença, Loulé), para além de outras que se dispersaram por várias posses e que por vezes surgem em leilões. Naturalmente que a sua reunião no acervo do Museu deve constituir um objectivo permanente da instituição.
8. Sobre o Museu Nacional de Arqueologia e Leite de Vasconcelos veja-se, entre outros, CARVALHO & RAPOSO: 2015; COITO, CARDOSO & MARTINS: 2008; Costa: 1992; sobre o Museu Municipal Santos Rocha e o seu fundador ver FERREIRA & VILAÇA: 2021; VILAÇA & PINTO: 2012; PEREIRA & CARDOSO: 1994.
9. FALGAYRETTE-LEVEAU: 2010, 2002; GOMES: 2001; CUNHA e MATOS: 1999; RODRIGUES: 1999; CUNHA e FLORES: 1998.
10. GOUVEIA: 2018, p. 7, 39; CARVALHO e CAMEIRA: 2018; SANTOS e COITO: 2017; BASSINI et al.: 2015; s/a.: 2014; MARTINS: 2014; pp.37, 48-49; ABREU: 1999, pp.34-35;256; ARAÚJO: 1993; HAUENSTEIN: 1988; s/a.:1985, pp.144-145; REDINHA: 1984, pp. 131, 150; SILVA: 2003, p. 49; DIAS: 1986, pp. 33, 111; s/a.: 1972, pp. 395-401.
11. STEVENSON, 2019; SAVOY et al., 2018; PEREIRA, 2018, 2020; BASU, 2017; PASSINI & RABAULT-FEUEHHAHN, 2015; MAYER & SAVOY, 2014; POULTER, 2013; BECK & SZNAIDER, 2010; ALBERTI, 2005.



Apoio de nuca, séc. XIX, Moçambique, MMSR



Carlos Bunga, *Animismo #1*, *Animismo #2*, 2021, cortesia do artista e Galeria Vera Cortês







Apoio de nuca duplo, séc. XX, Moçambique, MNE

Bibliografia

- Abreu, R. M. (1999). *Inventário das Coleções Maconde em Museus Portugueses* (pp.34-35; 256). Museu Nacional de Etnologia. Lisboa.
- Alberti, S. J. M. M. (2005). Objects and the Museum. *ISIS*, 96; p. 559-571.
- Araújo, L. M. (1993). *Antiguidades Egípcias*. Lisboa: MNA. vol. I.
- Aronsson, P., e Elgenius, G. (eds) (2011). *Building National Museums in Europe 1750–2010: Conference Proceedings from EuNaMus (European National Museums: Identity Politics, the Uses of the Past and the European Citizen)*. Bologna 28–30 April, 2011.
- Bassani, E.; Homberger, L.; Pezzoli, G., e Zevi, C. (2015) – *Africa. Land of Spirits*. Milão: ORC Cultura.
- Basu, P. (2017). *The Inbetweenness of Things: Materializing Mediation and Movement between Worlds*. Bloomsbury Publishing.
- Carvalho, A. e Raposo, L. (Coord.) (2015). *José Leite de Vasconcelos (1858-1941): Peregrino do Saber*. Lisboa: INCM.
- Carvalho, M. K.; Cameira, M. C. (2018). *Contar Áfricas!* Lisboa: EGEAC/Padrão dos Descobrimentos.
- Coito, L. C. (Coord.) (1999). *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Coito, L. V., Cardoso J. L., e Martins, A. C. (2008). *José Leite de Vasconcelos (1858-1941): fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Verbo.
- Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques: *Compte Rendus de la Douzième session – 1900 (1902)*. Paris: Masson et C.^{ie}, Éditeurs.
- Costa, J. L. B (1992). *Vida e obra de José Leite de Vasconcelos (1858-1941)*. Lisboa: Club Numismático de Portugal.
- Cunha, M. S. e Flores, J. M. (coord.) (1998). *Os Construtores do Oriente Português – Catálogo*. Porto, Edifício da Alfândega: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Edições Inapa.
- Cunha, M. S. e Matos, A. T. (coord.) (1999). *Os Espaços de um Império – Catálogo*. Porto, Edifício da Alfândega: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Edições Inapa.
- Dias, M. (1986). *Instrumentos Musicais de Moçambique* (pp. 33, 111). Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Antropologia Cultural e Social.
- Enzel, C., e Schmidt, M. (2015) – 'Histoire Croisée' (Entangled History) as a perspective for non-formal education. Berlin, Kreisau-Initiative.
- Estoile, B. de L' (2010) *Le Goût des Autres: de l'Exposition Coloniale aux Arts Premiers*. Paris: Flammarion.
- Falgayrettes-Leveau, C. (coord.) (2010). *Angola – Figures de Pouvoir*. Paris, Musée Dapper: Éditions Dapper.
- Falgayrettes-Leveau, C., e Thompson, R. F. (coord.) (2002). *Le Geste Kongo*. Paris, Musée Dapper: Éditions Dapper.
- Ferreira, A. M., e Vilaça, R. (eds) (2021). *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Edição. Município da Figueira da Foz.
- Freitas, D. M. (2019). António dos Santos Rocha. *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. (pp.256-259). Lisboa: Instituto de História da Arte, FCSH – NOVA.
- Gáldy, A. M., Sorek, R., Assaf, N., e Ventura, G. (2021). *Collecting and Provenance*. Cambridge Scholars Publishing.
- Gomes, M. A. C. e Arez, J. D. C. (coord.) - (2001). *Cerâmicas de Timor Loro Sae*. Lisboa, Museu do Centro Científico e Cultural de Macau: Centro Científico e Cultural de Macau e Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- Gosden, C.; Larson, F. (2007). *Knowing Things: Exploring the Collections at the Pitt Rivers Museum 1884-1945*. Oxford University Press.
- Gouveia, A. C. (2018). *Contar Áfricas!* (p. 7, 39). Padrão dos Descobrimentos. Lisboa: EGEAC-EM.
- Hicks, D. (2020). *The Brutish Museums: The Benin Bronzes, Colonial Violence and Cultural Restitution*. Pluto Press.
- Hill, K. (eds.) (2012). *Museums and Biographies: Stories, Objects, Identities*. The International Center for Culture and Heritage Studies, New Castle University.
- Lorre, C. (2017). Cent cinquante ans d'archéologie comparée au musée d'Archéologie nationale. *Antiquités nationales*, 47, p. 63-76.
- Loubotin, C., e Lehoërf, A. (2017). *Archéologie en musée et identités nationales en Europe (1848-1914) Un héritage en quête de nouveaux défis au 21^e siècle*. Colloque international, à l'occasion du cent cinquantième anniversaire de l'ouverture du Musée d'Archéologie nationale. https://musee-archeologie-nationale.fr/sites/archeonat/files/1_texte_fr_diffusion_1.pdf
- Lourenço, M. C.; Gessner, S. (2012). Documenting collections: Cornerstones for More History of Science in Museums. *Science & Education*, 23; p. 727-745.
- Martins, A. C. (2014). *África Reencontrada. O ritual e o sagrado em duas coleções públicas portuguesas*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu Nacional de Arqueologia.
- Meyer, A., e Savoy, B. (eds) (2014). *The Museum Is Open: Towards a Transnational History of Museums (1750-1940)*. Berlin: De Gruyter.
- Moberg, C.-A. (1968). *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Edições 70.
- Passini, M., e Rabault-Feuerhahn, P. (2015). Presentation. La part étrangère des musées. *Revue Germanique Internationale*, 21. URL: <http://journals.openedition.org/rgi/1507>
- Pereira, E. J. S. (2018). *Colecionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento. Atores, Coleções, Objetos (1850-1930)*. Lisboa: Caleidoscópio e DGPC.
- Pereira, E. J. S.; Nunes, M. F. (2019). A (in) visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. *Leituras de história da ciência. Midas – Museus e Estudos Interdisciplinares*, 10. <http://dx.doi.org/10.4000/midas.1685>
- Pereira, E. J. S., Lopes, M. M., e Nunes, M. F. (2020). 'Collective wisdom' at the National Archaeological Museum in Portugal. *Museum History Journal*. 1-21. (Taylor & Francis).
- Pereira, E. J. S.; Lorre, C.; Armbruster, B. (2021). Le torque en or d'Évora: du Portugal au musée d'Archéologie nationale. *Antiquités Nationales* (Revue du musée d'Archéologie nationale), 50. (no prelo)
- Pereira, E. J. S. (2021). Using object biographies to reveal how our pasts are interconnected. In *Sharing European Histories* (pp. 13-26). The Hague, Netherlands: Euroclio – European Association of History Educators, Evens Foundation. <https://www.euroclio.eu/project/sharing-european-histories/>; <https://www.euroclio.eu/wp-content/uploads/Portuguese-Sharing-European-Histories-Full-Publication.pdf>
- Pereira, I., e Cardoso, A. P. (coord.) (1994). *Museu Municipal Dr. Santos Rocha : Centenário (1894-1994)*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- Procter, A. (2020). *The Whole Picture: The colonial story of the art in our museums & why we need to talk about it*. Cassel Publications.
- Poulter, E. K. (2013). Silent Witness: Tracing Narratives of Empire through Objects and Archives in the West African Collections at the Manchester Museum. *Museum History Journal*, 6/1, pp. 6-22.
- Redinha, J. (1984). *Instrumentos Musicais de Angola – sua construção e descrição. Notas históricas e etno-sociológicas da música angolana* (pp. 131, 150). Coimbra: Instituto de Antropologia.
- Rocha, A. S. (1905). *Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral*. Figueira: Imprensa Lusitana.
- Rodrigues, A. M. (1999). *O Orientalismo em Portugal – Catálogo*. Porto, Edifício da Alfândega: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Edições Inapa.
- s/a. (1972). *Povos e Culturas, Museu de Etnologia do Ultramar* (pp. 395-401). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. Catálogo
- s/a. (1985). *Escultura Africana em Portugal* (pp.144-145). Lisboa: IICT, MNE.
- s/a. (2014). *África reencontrada: o ritual e o sagrado em duas coleções públicas portuguesas* (pp.37, 48-49). Lisboa: IICT. Catálogo.
- Santos, A. I. P. e Coito, L. C. (2017). *Um museu. Tantas coleções*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia [Exposição no âmbito do projecto "Testemunhos da Escravatura. Memória Africana" no âmbito da Lisboa 2017. Capital Ibero-Americana de Cultura. Passado e Presente]
- Savoy, B.; Guichard, C.; Howald, C. (eds.) (2018). *Acquiring cultures: histories of world art on Western markets*. Boston; Berlin: De Gruyter.
- Silva, S. (2003). *A Vez dos Cestos. Time for Baskets* (p. 49) Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus e Ministério da Cultura. Catálogo.
- Stevenson, A. (2019). *Scattered Finds: Archaeology, Egyptology and Museums*. London: UCL Press.
- Ferreira, A. M. e Cardoso, A. P. (coord.), (1999). *Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: Centenário* Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- Turner, M. (2015). In the Museum of the Museum. *Museum Worlds: Advances in Research*, 3: 105–127.
- Turner, M., e Pimentel, Juan (2021). *New World Objects of Knowledge: A Cabinet of Curiosities*. University of London Press.
- Vasconcelos, J. L. (1915). *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vilaça, R. e Pinto, S. (eds) (2012). *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*. Figueira da Foz: Casino da Figueira.

Elisabete J. Santos Pereira,
Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH – polo da Universidade de Évora; investigadora principal do projeto TRANSMAT-Materialidades transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias

António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia, Investigador da UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e Investigador do Instituto de História Contemporânea da NOVA-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Ana Paula Cardoso, Conservadora das coleções etnográficas do Museu Municipal Santos Rocha e coordenadora do Núcleo Museológico do Mar (Figueira da Foz).